

Arquivo recebido em
16 de abril de 2011
e aprovado em
22 de maio de 2011

V. 1 - N. 1 -
1º Semestre de 2011

Nota Bibliográfica

* O autor é professor do
Programa de Ciências da
Religião da Universidade
Federal de Juíz de
Fora PPCIR-UFJF.

Marco Lucchesi – Itinerários

Marco Lucchesi - Itineraries

*Faustino Teixeira **

Marco Lucchesi acaba de ser eleito para a cadeira de número 15 da Academia Brasileira de Letras, que tem como patrono Gonçalves Dias. A cadeira vinha antes ocupada pelo padre jesuíta, Fernando Bastos de Ávila, falecido em 06 de novembro de 2010. Marco Lucchesi nasceu no Rio de Janeiro, em 09 de dezembro de 1963. Como identificou sua amiga Nise da Silveira, o símbolo do sagitário expressa bem a personalidade desse carioca especial: “O Centauro, os pés encravados na Terra, com mãos firmes busca orientar a flecha em direção às estrelas”. Alguém animado pela “nostalgia do mais”, com o coração fincado na terra e o olhar habitado pelo horizonte maior. Um apaixonado pelas línguas, da terra e do

céu. Filho único, nasceu sob o embalo bilíngue toscano-carioca. Herdou de sua mãe, Elena Dati, a paixão pelo piano e pelo canto, e nessa ternura filial foi tecendo os traços fundamentais de seu cotidiano. Relata em entrevista que a música foi fundamental para ele, e com ela “a poesia das coisas”.

Em seguida veio o interesse pela literatura e a filosofia, desdobrando-se no amor à poesia. Assinala que sua primeira tradução séria foi a do “Cântico Espiritual”, de João da Cruz, realizada aos dezesseis anos: “Deixei o piano visível (ou quase) pelo piano invisível da poesia...”. E Marco se revelará um tradutor de primeira grandeza. Vale lembrar a impressionante tradução de *Baudolino*, de Umberto Eco (Record, 2001), inspirada pelas paisagens de Itacoatiara, da Itália e do Irã. Revela que essa tradução foi pontuada pela leveza, mesmo assim, foram cerca de doze versões do primeiro capítulo. Identifica-se como um “tradutor dostoiévskiano”, cujo trabalho não tem nada de solar, mas vem acompanhado por muito sofrimento e tortura. Busca sempre “a equivalência impossível. A palavra perdida”. São ilhas irredutíveis. A tradução é para ele “um processo físico tremendo”, fervido em insônias inesgotáveis. Daí ter decidido mudar de perspectiva, e diz: “Resolvi acabar com o tradutor que me habita, antes que ele acabasse comigo”. Mesmo assim, num trabalho realizado em comum, brindou-nos novamente com o seu dom, no livro “O canto da unidade: em torno da poética de Rûmî” (Fissus, 2007 – Prêmio Mario Barata, UBE 2008), com lindas traduções dos *Rubayats* de Rûmî. Marco traduziu ainda outros poemas de Rûmî (*A sombra do amado: poemas de Rûmî*, Rio de Janeiro: Fissus, 2000 – Prêmio Jabuti 2001). E também Giambatista Vico (Record, 2000), Primo Levi (Companhia das Letras, 1997), Georg Trakl (Topbooks, 1996 – Prêmio Paulo Rónai, 1996), Rilke (Topbooks, 1996) e Khliébnikov (Cromos, 1993).

Como tão bem mostrou o saudoso Antônio Carlos Villaça, Marco Lucchesi é um poeta da sensibilidade. No centro da sua vida está a literatura. É mais do que um erudito tradicional, pois vem temperado pela poesia: “A sua intimidade com a poesia, com a melhor poesia, o salva de si mesmo e do eruditismo”. Os poemas de Lucchesi são magníficos, temperados com a seiva e o vigor da vida:

Um laço misterioso en
laça e desenlaça
umas às outras as palavras

atiça e des
atina
o silêncio
das florestas

move e dis
persa os pássaros in
visíveis que regem
o sentido das coisas”

As imagens que captam o movimento lírico de sua imaginação são preciosas: as “praias esquecidas”, os “oceanos maravilhas”, a “metafísica das alturas”, os minaretes “ávidos de altura e infinito”, o “mar da divindade”, o “planetário de Deus” e o azul, o profundo e inacabado azul de Isfahan... A emoção nos avizinha quando nos deparamos com a beleza de seus *Poemas Reunidos* (Record, 2000), bem como de outros poemas recolhidos nos livros *Sphera* (Record, 2003) e *Meridiano celeste & bestiário* (Record, 2006). Nessa última obra tomamos contato com sua companheira, de olhar profundo, Constança, inspiradora de poemas, mas sobretudo da vida.

Há também o Marco ensaísta e buscador, que desvenda os desertos e as escarpas da alma. Em belos ensaios revela, com o calor de sua intimidade, encontros memoráveis, como os realizados com Nize da Silveira, Adélia Prado, Naguib Mahfuz, Roger Garaudy e tantos outros. Desce também, com dor, pelos “porões da humanidade” e nos possibilita ver o desolador “deserto da loucura”, dos “rostos desfigurados” e dos “corpos descobertos”; o silêncio doloroso e triste de Canudos: “o mais triste silêncio de minha vida”; e o “mundo esquelético e sombrio” dos refugiados palestinos de Sabra e Chatila, esse “horizonte sem horizonte. Tristeza difusa e sem lágrimas”. Do coração do poeta rasga-se o grito de raiva e compaixão... “A.....lla.....ah! O gemido é um dos nomes de Deus”. Dentre os livros de ensaios: *Saudades do paraíso* (Lacerda Editores, 1997), *O sorriso do caos* (Record, 1997), *Os olhos do deserto* (Record, 2000), *Memória de Ulisses* (Civilização Brasileira, 2006) e *Ficções de um gabinete ocidental*. Ensaios de história e literatura (Civilização Brasileira, 2009).

Ultimamente, o Marco poeta e ensaísta mostra também o seu dom para o romance, com a obra *O dom do crime*. Rio de Janeiro/São Paulo, 2010.

Marco Lucchesi guarda um carinho especial pelo diálogo das civilizações, e o encontro das religiões. Talvez seja um dos intelectuais brasileiros mais ativos em favor da salvaguarda do islã verdadeiro e de sua profundidade mística. É portador de um grande *Jihâd*, o da paz universal. Lança-se com coragem em favor de uma nova perspectiva, de um novo olhar sobre o outro, rompendo com a estreiteza e parcialidade que marca a tradicional mirada ocidental, sobretudo com respeito às culturas do Oriente. Seus livros nos trazem a profundidade dos grandes místicos como Hallaj, Attar e Rûmî. Nos ajuda, com eles, a desvendar as melodias escondidas do Mistério sempre maior. Nada melhor do que estar à sombra do Amado. Como diz Rûmî, numa de suas cartas: “Se não posso compreender que árvore é essa, contudo sei que, depois que deitei meu olhar sobre ela, meu coração e minha alma se tornaram frescos e verdes. Vou me colocar a sua sombra”. Na obra de Lucchesi, como assinala Constança, “as fronteiras são desfeitas: culturas diversas se aproximam, inesperadas, num diapasão musical de novas tessituras”.

O deserto tem um lugar particular em sua vida: “O corpo do deserto me fere de modo irreversível. Sou habitado por uma paisagem de pedra e areia, pela qual sigo enamorado, e beijo seus lábios de vento e desabrigo”. O deserto e o islã o fascinam, e com eles a suave e áspera língua árabe, “de lâminas e espadas”, das línguas a mais bela, a que mais se aproxima do céu empíreo e do sorriso de Beatriz. Para Marco, “o árabe coagula e condensa, com a força do ferro e o brilho do cristal, a idéia que emerge do Sagrado”. O seu deserto “revela oásis inesperados, e deve ter sido a língua escolhida por Deus para falar aos homens. Um Deus infinito e áspero. Físico e Metafísico. Amante da Parte e do Todo...”. Contagia-se também com a beleza da estética do Islã, com seus minaretes que anunciam “impossíveis horizontes”. E também seus buscadores de diálogo, como Massignon e Paolo dall’Oglio.

O currículo de Marco impressiona. Formado em história pela UFF, é também mestre e doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ e pós-doutor em fi-

losofia da Renascença na Universidade de Colônia (Alemanha). Leciona atualmente no departamento de letras da UFRJ e é pesquisador do CNPQ. Tem sob sua responsabilidade a edição de duas importantes revistas: *Poesia Sempre* (Fundação Biblioteca Nacional) e *Tempo Brasileiro*. Outra marca de sua formação é o fabuloso conhecimento e domínio de línguas estrangeiras. Um erudito, sem dúvida, mas sem perder jamais a ternura e a humildade, dois de seus mais preciosos valores. Aquela linda casa, na Rua dos Cravos, em Itacoatiara (Niterói) guarda um coração generoso e hospitaleiro. Ali bate forte o dom da música e da poesia, que facultam um “cerco de paz” e possibilitam a cidadania da alegria e da esperança.

Paixão infinita

Marco é um jovem poeta, ensaísta e tradutor, dos mais brilhantes que estão entre nós. O que, porém, mais impressiona em sua vida é o toque da humildade, da abertura, da hospitalidade e da delicadeza. Conviver com Marco é partilhar desses dons preciosos que adornam sua vida e caminhada. Marco é sobretudo um viajante, com os olhos e o coração abertos para o infinito. A leitura de suas inúmeras notas de viagem revelam um buscador insaciável:

O corpo do deserto me fere de modo irreversível. Sou habitado por uma paisagem de pedra e de areia, pela qual sigo enamorado, e beijo seus lábios de vento e desabrigo

Num de seus mais belos textos, registrados no livro *Saudades do paraíso* (1997), descreve sua busca de Deus, o Deus que ampara e atormenta:

Conhecer Deus e provar-lhe a existência. Conhecer Deus e procurá-lo sem dar-lhe trégua. Eis a tarefa. Queria estar junto dele, subindo escarpas íngremes e algo impenetráveis, devassando as suas entranhas invisíveis, logrando a theoria, sem os enigmas da imanência. Não um Deus-remissão, mas um Deus-concreção. Desejava o claro enigma.

Essa paixão por Deus, pelo mundo e pelas coisas já o devorava desde cedo. Escolheu o íngreme caminho da metafísica, enquanto outros buscaram o recurso das drogas. Enveredou pela filosofia e pela teologia em busca desse “ros-

to perdido”, mas nada acalmava o seu desassossego abissal. Não o satisfazia o Deus tomista dos atributos, da imobilidade e da infinitude. Queria um “Deus solar”, primaveril:

Queria uma árvore que não desse conceitos. Queria abocanhar-lhe os frutos

Era difícil para ele suportar “a falta de um rosto”. Precisava “dialogar com Deus” e sentir o hálito de sua Presença. O encontro com a teologia da libertação, quando tinha cerca de 20 anos, exerceu um impacto decisivo em sua vida, apontando a Presença viva de um Deus concreto, que acolhe o outro com carinho e misericórdia. Mas nada arrefecia a sede interior que o devorava. Partia para conhecer novas paisagens, oceanos e florestas. Dava-se conta de uma realidade pontuada pelo desencontro permanente:

Deus não estava senão em Deus. E eu estava longe de mim

Esse sentimento de impermanência e incompletude marca a trajetória de Marco e pontua a beleza de sua poesia. Em sintonia com Dante, busca o céu Empíreo, o “céu dos céus” e a alegria do sorriso de Beatriz. A poesia favorece-lhe asas para sondar as alturas:

A poesia promove uma abertura sem termo, que empresta a cada verso o sentimento do infinito, a paixão das alturas, a nostalgia do mais, a vontade de Deus

Animado pelo *pathos* de Deus, atormenta-se com as dissonâncias do mundo e expressa sua revolta contra os labirintos sombrios e opressivos que marcam o triste caminho de nosso tempo. Ao visitar os campos de Sabra e Chatila, comove-se com o sofrimentos dos palestinos:

Meu Deus, até quando tanto horror? Até quando este repulsivo campo, que corrói, silencioso, a dignidade dos homens, que tira de suas vidas o próprio nome, que mina seus corpos com doenças devastadoras? Até quando, tantas gerações condenadas a viver?

Reconhece adolorado que as partes não são capazes de acolher o dom gra-

cioso do Todo, que tudo abarca:

Reclama o Todo
as suas devidas
partes

faminto de pro
fundas harmonias
em fogo se transmuta
ácido espelho

e a parte
contra
o Todo

se dissolve
se consome
e se estilhaça

Mesmo no “mar desprovido de azuis”, o rosto permanece em toda parte. Não há como fugir deste “abismo” que nos abraça. É a mensagem que percorre os inúmeros poemas de Marco, providos de uma beleza única que arrebatava. Esse rosto abre uma esperança renovadora:

Teu rosto
acende meus sonhos
de reparação
algo me atinge me confunde e me arrebatava

A alegria de poder conviver com esse amigo e partilhar de sonhos comuns de esperança é algo fascinante. Não há dúvida de que sua presença na ABL vai favorecer a abertura de caminhos inusitados. Não se trata apenas de alguém que preenche um vazio, mas de uma vida que irradia alegria e esperança.

Envio: 16 abr. 2011
Aceite: 22 mai. 2011

Referências Bibliográficas

- LUCCHESI, Marco. *A paixão do infinito*. Niterói: Cromos, 1994.
- _____. *O sorriso do caos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1997.
- _____. *Saudades do paraíso*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997.
- _____. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.
- _____. *Os olhos do deserto*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.
- _____. *A sombra do Amado*. Poemas de Rûmî. Rio de Janeiro: Ficus, 2000.
- _____. *Viagem à Florença*. Cartas de Nise da Silveira a Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- _____. *Sphera*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003.
- _____. *A memória de Ulisses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- _____. *Meridiano celeste & Bestiário*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2006.
- _____. *Ficções de um gabinete ocidental*. Ensaios de história e literatura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- _____. (Org). *Caminhos do islã*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.
- _____. & TEIXEIRA, Faustino (Orgs). *O canto da unidade*. Em torno da poética de Rûmî. Rio de Janeiro: Fissus, 2007.

Entrevistas:

Marco Lucchesi no paiol literário. *Rascunho*. O jornal de literatura do Brasil. Curitiba¹:

Entrevista com Marco Luchesi feita pela Universidade Federal de Santa Catarina²
Bety ORSINI. Acordes literários. Caderno Ela, p. 4. *O Globo*, 02 de abril de 2001.

1. <http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=45&lista=0&subsecao=0&ordem=2285&sem limite=todos> (acessado em 12/04/2011)

2. Cf. www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/download/5686/5186 (acessado em 12/04/2011)